

UnB

Instituto de Artes

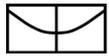
Departamento de Desenho Industrial

EDUCANDO PARA A EMPATIA

Um projeto anti-bullying

por Eliakim Kaiam Oliveira de Souza

Brasília, Junho de 2017



UnB

Instituto de Artes

Departamento de Desenho Industrial

EDUCANDO PARA A EMPATIA

Um projeto anti-bullying

por Eliakim Kaiam Oliveira de Souza

Projeto de diplomação para obtenção do título de graduação em Desenho Industrial, na habilitação de Programação Visual apresentado à Universidade de Brasília.

Orientador: Evandro Renato Perotto

Banca avaliadora: Rogério José Câmara,
Nayara Moreno de Siqueira, Ana Cecília Schettino

Brasília, Junho de 2017

Projeto dedicado a minha família, amigos e professores que me apoiaram em toda essa jornada universitária.

"A humilhação não pode sobreviver à empatia."
(Brené Brown)

Resumo

Em uma sociedade totalmente conectada, onde o acesso a informações e a liberdade de expressão toma proporções que nunca antes foram vistas na história da humanidade, se criou uma cultura individualista e egoísta, onde se há cada vez mais uma despreocupação com as consequências do que os atos de um indivíduo podem causar. O assédio e a humilhação se multiplicam e se espalham de forma muito mais prejudiciais com a utilização da internet e o distanciamento de sujeitos. Essa nova cultura cruel também surte efeitos fora do meio virtual, onde a prática de bullying aumenta, comprovadamente por estatísticas. Há uma necessidade de repensar o modo de viver, e buscar ser um melhor exemplo para as novas gerações. É necessário agir se queremos que o planeta e a humanidade tenham um futuro mais pleno e harmônico, e é na busca dessa mudança social que este projeto foi estruturado.

Palavras-chave: empatia; bullying; cyberbullying; educação; alteridade; infância.

Abstract

In a fully connected society, where access to information and freedom of expression are in proportions never before seen in the history of humanity, an individualistic and selfish culture is born, where there is more and more of an unconcern with the consequences of what the acts of an individual person can cause. Harassment and humiliation multiply and spread far more damagingly through the use of the internet and the detachment of subjects. This new cruel culture also reflects outside the virtual environment, where a practice of bullying increases, proven by statistics. There is a need to rethink the way of life, and to seek a better example for the new generations. Acting is necessary if we want a fuller and more harmonic future for the planet and humanity, and it's on this seeking of social change that this project was structured.

Keywords: empathy; bullying; cyberbullying; education; otherness; childhood.

Lista de imagens

- 26 Imagem 1: **The Bully Project website** (fonte: thebullyproject.com)
- 26 Imagem 2: **The Bully Project website** (fonte: thebullyproject.com)
- 27 Imagem 3: **Campanha Pretty Shady 2015** (fonte: internet)
- 27 Imagem 4: **Website da campanha Pretty Shady 2017** (fonte: prettyshady.com)
- 27 Imagem 5: **Website da campanha Pretty Shady 2017** (fonte: prettyshady.com)
- 31 Imagem 6: **Lettering feito para marca do projeto**
- 31 Imagem 7: **Paleta de cores principal**
- 31 Imagem 8: **Família tipográfica Dosis**
- 33 Imagem 9: **Quadrinhos na ordem**
- 33 Imagem 10: **Ilustração a mão x quadrinho pronto**
- 34 Imagem 11: **Capa Guia do Professor**
- 34 Imagem 12: **Capa Cartilha de apoio aos pais**

Sumário

9	1. Introdução
9	1.1 Justificativa da escolha do tema
10	1.2 Objetivo geral
10	1.3 Objetivos específicos
12	2. Conceituação
12	2.1 Conceito de bullying e cyberbullying, origem do termo
15	2.2 Bullying no Brasil, pesquisas e dados
16	2.2.1 Lei anti-bullying no Brasil
16	2.3 Design e arte como ferramenta social
18	3. Levantamento de dados - referências visuais e teóricas
18	3.1 Palestras TED Talks
18	3.1.1 Shane Koyczan - For the bullied and the beautiful
18	3.1.2 Meaghan Ramsey - Why thinking that you're ugly is bad for you
19	3.1.3 Nancy Lublin - Texting that saves lives
20	3.1.4 Monica Lewinski - The price of shame
21	3.1.5 Chimamanda Ngozi Adichie - O perigo da história única
21	3.2 Entrevistas informais
22	3.3 Project Rockit
22	3.4 Tyler Clementi Foundation
23	3.5 Programa Escolas Transformadoras
24	3.5.1 A importância da empatia na educação
25	3.6 Mind Up Program
27	3.7 Pretty Shady
28	3.8 Bullying - Cartilha Justiça nas Escolas
29	3.9 Conclusão do levantamento de dados
30	4. Diretrizes do projeto
31	5 Produtos finais
31	5.1 Livretos para crianças
32	5.1.1 Conteúdo
33	5.1.2 Formato
33	5.1.3 Ilustrações
34	5.2 Cartilha para pais e professores
34	5.2.1 Guia dos professores - atividade
34	5.2.2 Cartilha de apoio a pais - como lidar com o bullying em casa
35	5.3 Página para download do conteúdo
36	6. Considerações finais e conclusão

1, Introdução

O desenvolvimento desse projeto teve como objetivo criar e disponibilizar uma base de informação e de apoio a pais, responsáveis e professores de crianças que estejam presenciando ou passando por situações de bullying e assédio, além de incentivar uma educação preventiva e precoce, com valores baseados na empatia com o intuito de formar pessoas mais prudentes e conscientes.

O bullying é um problema que atinge pessoas de todas as idades e em qualquer tipo de ambiente (casa, escola, igreja, trabalho). Porém, através de pesquisa, foi constatado que na infância e adolescência, nos estabelecimentos de ensino, é que no geral se dão as situações de bullying mais consideráveis e marcantes para os envolvidos, e escolas também onde são mais frequentes acontecimentos extremos que têm o bullying como um dos propulsores.

O objetivo deste projeto é ser uma ação para o enfrentamento e a discussão desse fenômeno social, utilizando o design para desenvolver materiais que auxiliem os responsáveis pela educação, saúde e segurança dessas crianças e adolescentes, além de desenvolver uma atividade preventiva, para que crianças menores - tendo como foco a faixa etária de 6 a 9 anos, mas podendo também ser utilizado por crianças pouco mais velhas ou mais novas, que já possam ler - possam ser educadas quanto a importância da empatia e da auto-valorização para que possam viver melhor tanto com os que a cercam, quanto com elas mesmas.

Os capítulos que se seguem deste relatório dão uma explicação mais aprofundada do bullying e suas ramificações, assim como um histórico do fenômeno. O relatório também busca apresentar todo o levantamento de dados com campanhas anti-bullying, referências bibliográficas das mais diferentes formas que tenham como foco a educação e a empatia, assim como referências visuais. Finalmente, o relatório fala do desenvolvimento do projeto e os resultados dos produtos finais.

1.1 Justificativa da escolha do tema

O tema do bullying foi escolhido para este projeto por um incômodo pessoal e uma necessidade que senti de criar algum espaço para discutir o assunto. Na infância, fui alvo de bullying por diversas vezes, mas tive a sorte de ter amigos e uma família muito próxima, a qual eu me sentia seguro de compartilhar meus medos e inseguranças. Apesar de me sentir seguro, ainda omitia algumas partes do que acontecia, por ser uma criança muito tímida. Por vezes, me sentia fraco e tinha vergonha de dizer o que me era dito. Se já era difícil pra mim, que tinha um ambiente familiar adequado, para crianças que não se sentem seguras nem na escola e nem em casa, este deve ser um fardo muito grande.

Também tive colegas que passaram por agressões verbais e psicológicas repetitivas, e agradeço a minha família por ter criado dentro de mim um grande senso de justiça, que não me deixava ficar calado quando algo assim acontecia. Lembro de algumas vezes reclamar com os adultos que eu pensava que poderiam fazer algo a respeito daquelas situações. Mas nem todos têm coragem de falar com um adulto, ou a sorte de ter alguém que presenciou que se sente confortável e segura de procurar alguém. Na verdade, de acordo com pesquisas, a criança que é vítima de bullying raramente pede ajuda às autoridades escolares ou aos mais velhos. Motivos recorrentes

tes disso é o pensamento de evitar uma possível decepção aos pais por serem pessoas “frágeis” ou “covardes” ou a descrença de que falar ajude para que a situação não aconteça mais.

Na adolescência foi um pouco mais difícil, pois apesar das situações de assédio direto acontecerem com menos frequência para mim, estava estudando em um ambiente novo, onde não tinha amigos, e isso aumentou a insegurança que eu sentia comigo mesmo.

Sinto consequências do bullying até hoje, cada vez em menor quantidade, mas já senti muita tristeza, insegurança de ser quem eu sou. Apesar disso, fui uma pessoa sortuda, que teve a capacidade de manter minha saúde mental num bom nível por todo estes acontecimentos, e de ter sempre quem me desse segurança e apoio em casa, mas tenho plena consciência de que não são todos que têm apoio de outras pessoas ou têm a resiliência necessária para passar por isso sem consequências mais graves.

Além disso, em 2016 fiquei sabendo que um colega que estudou comigo por 4 anos se suicidou. Eu não era próximo dele ou da família para saber quais foram os motivos que levaram a isso, mas a primeira coisa que veio a minha mente era que, assim como eu, ele também era vítima de bullying. Não tenho como comprovar que o bullying foi algum ponto de partida para que essa decisão fosse tomada por ele, mas sei que, com certeza foi um dos pontos baixos da curta vida dele e, talvez, se ele tivesse tido o apoio necessário na época, o caminho que sua vida tomou poderia ter sido outro.

Por esses motivos, me vi com uma necessidade de agir e discutir sobre isso. O design me serviu de ferramenta para poder criar e disponibilizar uma série de conteúdos que visam a prevenção e esclarecimento sobre bullying e suporte às vítimas e agressores.

Tenho noção de que o bullying é um fenômeno grande demais para que seja resolvido de forma simples, não existe uma solução concreta para a sua erradicação. Mas sei que, por menor que seja, uma ação sobre isso já é importante se consegue ajudar a vida de uma pessoa sequer.

1.2 Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é desenvolver e exercitar um senso de empatia e respeito nas crianças para prevenir e combater o bullying e formar cidadãos mais conscientes. Além disso, o projeto tem o interesse de ser um mecanismo de apoio a pais, responsáveis, professores e profissionais de educação para lidar com a questão do bullying e aos alunos para entenderem o que é o bullying, como agir e as consequências que o bullying pode trazer na vida das pessoas. Através de materiais gráficos de apoio a serem desenvolvidos, o projeto tem também a intenção de elaborar uma forma de interação entre alunos ministrada como atividade de sala de aula, de forma com que cada aluno possa participar dessa ação.

1.3 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste projeto são:

- Criar uma atividade escolar com um lado lúdico, que conscientiza sobre empatia e serve como prevenção em relação ao bullying, para crianças de 6 a 9 anos.

- Criar um mecanismo de apoio que seja acessível a maior quantidade possível de professores e profissionais de educação, para lidar com a questão do bullying.
- Incentivar profissionais de educação a passarem uma forma de educação baseada na ética, respeito, responsabilidade e valorizar seus alunos individualmente, melhorando a auto-estima.
- Desenvolver uma cartilha de apoio para pais e responsáveis, que dê dicas de como identificar situações de bullying, como melhor abrir espaço de conversa com seus filhos, onde buscar ajuda e que incentive a criar um ambiente de confiança entre eles e seus filhos.

2. Conceituação

Neste capítulo, serão apresentados conceitos de bullying, desde a origem do termo a explicações de autores diversos, além de uma breve abordagem do histórico do fenômeno, bem como dados sobre o bullying no Brasil e a justificativa da escolha do tema para o projeto.

2.1 Conceito de bullying e cyberbullying, etimologia

O termo bullying é um anglicismo (palavra emprestada da língua inglesa) utilizado para denominar uma intimidação sistemática e repetitiva entre pessoas ou grupos de pessoas. De acordo com o dicionário *Oxford Dictionary of English* o verbo *to bully* significa “usar força ou influência superior para intimidar (alguém), geralmente para forçar alguém a fazer algo” e o substantivo *bully* significa “uma pessoa que usa força ou influência para prejudicar ou intimidar aqueles que são mais fracos”, ou também poderia ser traduzido de forma mais simples como “valentão” ou “brigão”.

Quem propôs o termo bullying com a conotação que tem foi o cientista e pesquisador sueco Dan Olweus em 1999, logo após o evento trágico chamado de “Massacre de Columbine”.

Nos anos 90, houve um boom de casos de tiroteio em escolas e outras instituições de ensino nos Estados Unidos, sendo o mais notório o Massacre de Columbine. Este massacre aconteceu em 20 de Abril de 1999, na escola Columbine High School, no estado de Colorado, Estados Unidos. Dois alunos da escola, Eric Harris e Dylan Klebold, planejaram um ataque complexo a escola por vários meses com intenção de matar o maior número de pessoas possível. Felizmente, boa parte das bombas e armadilhas que planejaram não funcionaram, mas mesmo assim feriram 24 pessoas e mataram 13 pessoas, se matando logo em seguida. Eric mostrava sinais psicopáticos e Dylan tinha comportamento depressivo. Investigações posteriores confirmaram que os dois jovens não eram socialmente aceitos pela maior parte dos colegas e repudiavam a cultura atleta da escola, sendo os atletas justamente os que mais praticavam bullying contra os dois estudantes.

Com essa explosão de casos de tragédia, o bullying começou a ser mais amplamente discutido e notou-se a necessidade de maior quantidade e eficiência de ações que lutassem contra esse fenômeno. Muitas escolas começaram a desencorajar o bullying e o assédio, promovendo a cooperação entre alunos e treinamento de alunos como moderadores para intervir na resolução de disputas.

De acordo com Olweus, um comportamento pode ser considerado bullying quando:

- 1- O comportamento é agressivo e negativo
- 2- O comportamento é executado repetidamente
- 3- O comportamento acontece num relacionamento onde há desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

De acordo com a publicação de Jonas Torquatto “Como identificar e resolver situações de bullying”, o bullying pode ter alguns tipos diferentes de classificação. A primeira delas é bullying direto e indireto. De acordo com Torquatto, o bullying direto

é a forma mais comum de bullying entre os agressores. Já o bullying indireto é uma agressão social, mais comum entre mulheres e crianças, se caracterizando pelo isolamento social da vítima. Esse isolamento se dá pelo espalhamento de comentários, a recusa em se socializar com a vítima e a ridicularização do modo de se vestir, religião, etnia, aparência, entre outros.

O Conselho Nacional de Justiça se juntou a Doutora Ana Beatriz Barbosa Silva - psiquiatra, professora e especialista em bullying - para criar uma publicação intitulada "Bullying - Cartilha Justiça nas Escolas" que busca explicar e debater o bullying como posto de partida para alcançar soluções a este problema. De acordo com esta publicação, as formas de bullying são:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, "zoar")
- Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
- Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)
- Virtual ou Cyberbullying (bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet, etc)

O Cyberbullying (ou ciberbullying) surgiu com a internet e é um tipo de bullying muito preocupante. O cyberbullying tem o caráter de ter uma propagação muito intensa e um alcance que nunca se havia antes da existência da internet. O anonimato e agilidade de publicação, além do distanciamento físico faz as pessoas terem cada vez menos cuidado com o que postam na internet, e se perde uma consciência que é necessária para a convivência humana harmônica. Além disso, boatos irreais podem ter mais credibilidade quando colocados online. Qualquer pessoa, que utilize ou não de internet, pode ser alvo de cyberbullying.

Os agressores buscam pessoas que estão em clara desigualdade de poder, pessoas que geralmente, apresentam alguma característica destoante do grupo ou pessoa agressora. Os principais motivos que levam um jovem ou criança a ser um agressor são uma falta de limites na educação no contexto familiar; carência de uma educação baseada na empatia e que associe atitudes socialmente positivas e solidárias com autorrealização; existe casos que acontecem por alguma dificuldade momentânea, como separações ou doenças na família, e acabam agredindo como uma forma de extravasar suas próprias frustrações; e o caso mais perverso que é de pessoas que apresentam transgressão como base estrutural na personalidade.

Os agressores também podem ser pessoas que têm pouca empatia, pertencentes a famílias desestruturadas, em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Frequentemente podem ter sido vítimas de violência, maus-tratos, vulnerabilidade genética, falência escolar e experiências traumáticas.

De acordo com a psicanalista infantil Vera Zimmermann, professora do departamento de psiquiatria da Unifesp, o agressor é um indivíduo fragilizado que precisa diminuir o outro para manter sua própria auto estima.

A prática do assédio escolar durante a infância põe a criança em risco de comportamento criminoso e violência doméstica na idade adulta. Quanto mais sofrem com violência e abusos, mais provável é deles repetirem esses comportamentos em sua vida diária e negligenciarem seu próprio bem estar.

Uma vítima típica de bullying é pouco sociável, sofre repetidamente as consequen-

ências dos comportamentos agressivos de outros, pode possuir aspecto físico frágil ou coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente.

As consequências de uma vítima de bullying pode variar muito de acordo com cada caso, dependem de uma série de variáveis como sua vivência, estrutura familiar, predisposição genética, saúde mental, porém toda pessoa que é vítima de bullying tem algum nível de sofrimento. Muitas das pessoas levam marcas profundas que podem ir para o resto da vida adulta, sendo a ajuda psicológica ou psiquiátrica a solução mais adequada. Crianças e adolescentes que sofrem bullying podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa autoestima. Podem desenvolver ou reforçar atitudes de insegurança e dificuldade de se relacionar, tornando-se apáticos, retraídos, indefesos aos ataques externos.

Os problemas mais comuns que se identificam nas vítimas são: desinteresse pela escola, problemas psicossomáticos, problemas comportamentais e psíquicos como neuroses, depressão, transtorno do pânico, anorexia e bulimia, fobia escolar e social, ansiedade generalizada, entre outros. Em casos mais extremos, o bullying pode levar a quadro de esquizofrenia, homicídio ou suicídio.

Torquatto ainda fala da existência de outros dois tipos de vítima, a vítima provocadora e a vítima agressora e cita também os espectadores, quem não está diretamente participando da situação de bullying mas se vê como testemunha.

A vítima provocadora atrai e provoca reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser hiperativa, inquieta e dispersiva. É, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

A vítima agressora reproduz os maus-tratos sofridos. Como forma de compensação procura uma outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando o bullying em um ciclo vicioso.

Os espectadores geralmente são alunos que adotam a lei do silêncio. Testemunham a tudo, mas não tomam partido, nem saem em defesa do agredido por medo de serem a próxima vítima. Também nesse grupo estão alguns alunos que não participam dos ataques, mas manifestam apoio ao agressor.

Há também em instituições de ensino, o bullying professor-aluno, que se dá ao intimidar o aluno em voz alta rebaixando-o perante a classe e ofendendo sua auto-estima. Uma forma mais cruel e severa é manipular a classe contra um único aluno o expondo a humilhação. Outras formas de isso acontecer são o professor assumir um critério mais rigoroso na correção de provas com o aluno e não com os demais; perseguir alunos com notas baixas; ameaçar o aluno de reprovação; negar ao aluno o direito de ir ao banheiro ou beber água; ou tortura física, mais comum em crianças pequenas; puxões de orelha, tapas e cascudos.

Tais atos violam o Estatuto da Criança e do Adolescente e podem ser denunciados em um boletim de ocorrência em uma delegacia ou no Ministério público. A revisão de provas pode ser requerida ao pedagogo ou coordenador e, em caso de recusa, por medida judicial.

Um fator que é citado por Ana Beatriz Barbosa como um agravante para o aumen-

to da ocorrência e das consequências do bullying atualmente é a cultura do individualismo e consumismo, em que o ter é muito mais valorizado que o ser, e os princípios éticos são cada vez mais distorcidos. No contexto dessa sociedade, a educação que era de praxe na escola e em casa ficaram ultrapassadas, necessitando de uma nova abordagem que toque mais na vida como coletivo, e não como apenas cada um por si. Os pais são mais ausentes e mais permissivos em excessos das crianças, que são cada vez mais exigentes e egocêntricas. Há uma falta da preocupação com o convívio coletivo e cabe a cada um de nós como membros da sociedade buscar mostrar, em atitudes e exemplos, valores mais éticos e responsáveis às novas gerações.

2.2 Bullying no Brasil, pesquisas e dados

O IBGE, em convênio com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação, realiza trienalmente, desde 2009, uma pesquisa com estudantes adolescentes chamada PeNSE, ou Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. A pesquisa busca monitorar dados sobre fatores de risco e proteção à saúde em estudantes, além de identificar questões prioritárias para que possa ser possível a criação de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde aos estudantes.

Primariamente, são pesquisados dados sobre questões físicas, como altura, peso, tabagismo, sedentarismo, consumo de álcool, alimentação. Porém também são colhidos dados sobre violência e ocorrência de bullying.

De acordo com os dados coletados na última PeNSE, em 2015, quase a metade dos alunos entrevistados na pesquisa (46,6%) diz que já sofreu algum tipo de bullying e se sentiu humilhado por colegas da escola. Esse número cresceu comparando com os dados da pesquisa de 2012, na qual 35,3% dos alunos diziam já ter sofrido bullying. A maioria (39,2%) afirmou que se sentiu humilhado às vezes ou raramente e 7,4% disseram que essa humilhação acontece com frequência e entre os principais motivos está a aparência. Não se sabe se o aumento da porcentagem de envolvidos em bullying é de fato um aumento de ocorrência de casos ou apenas uma consciência maior sobre o que é o bullying, mas de toda forma, esses dados ainda são preocupantes.

Pela pesquisa do IBGE, dois em cada 10 estudantes já praticaram bullying e as agressões partem mais dos meninos. Os casos de bullying entre meninos é mais notório pois geralmente meninos praticam o bullying direto, com claras agressões físicas e verbais. No caso do bullying indireto, mais praticado por meninas, é mais difícil de identificar quando está acontecendo pois se dá de forma mais disfarçável.

Nos casos de violência física mais graves causados pelo bullying no Brasil são geralmente utilizadas armas brancas, diferente dos Estados Unidos, em que o acesso a armas de fogo é muito mais fácil. Porém já ocorreram massacres com presença de arma de fogo no Brasil também, sendo o mais notável e mais recente, o Massacre de Realengo, que aconteceu em 7 de Abril de 2011 na Escola Municipal Tasso de Silveira, no bairro de Realengo na cidade do Rio de Janeiro. O ex aluno Wellington Menezes de Oliveira de 23 anos entrou na escola munido de dois revólveres e disparou contra todos os alunos presentes, matando doze pessoas, ferindo outras vinte e duas pessoas. Quando os policiais o interceptaram, Wellington cometeu suicídio. Sua carta de suicídio e depoimento de desconhecidos afirmam que Wellington era muito reservado e uma vítima de bullying.

Do ponto de vista jurídico, o ato do bullying fere princípios constitucionais de res-

peito à dignidade da pessoa humana e fere o Código Civil, que determina que todo ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar. O responsável pelo ato de bullying também pode ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de bullying que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

2.2.1 Lei Anti-Bullying no Brasil

Há alguns anos atrás, apenas alguns governos estaduais apresentavam medidas contra o bullying. No Rio de Janeiro, uma lei estadual sancionada em 23 de Setembro de 2010 institui a obrigatoriedade de escolas públicas e particulares notificarem casos de bullying à polícia. Em caso de descumprimento, pode haver multa de 3 a 20 salários mínimos para as instituições de ensino. Em Curitiba, todas as escolas têm de registrar os casos de bullying em um livro de ocorrências, detalhando a agressão, o nome dos envolvidos e as providências adotadas.

Porém em Novembro de 2015 foi aprovada a primeira lei no Brasil que fala sobre o bullying, a Lei nº 13.185. Apesar de já existirem programas e medidas que abordassem o bullying, elas eram iniciativas privadas ou em âmbito regional/estadual. É muito importante que se estabeleça a discussão desse tema com abrangência nacional, e este foi um passo importante para que se alcance isso.

Em um primeiro momento, a lei busca explicar o que é o bullying/assédio escolar, que é o objeto da lei, exemplificando modos diferentes em que o assédio escolar pode se manifestar: ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos, grafites depreciativos, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado, zombarias. Na explicação, também cita os diferentes tipos de bullying: verbal, moral, sexual, social, psicológico, físico, material e virtual.

Após apresentar uma conceituação do bullying, a lei se preocupa em estabelecer medidas que buscam registrar, prevenir e combater problemas de bullying nas escolas. Estabelece-se objetivos como capacitar o corpo docente, implementar campanhas de conscientização, orientar pais e dar assistência psicológica, entre outros. Também é estabelecido que os estabelecimentos de ensino devem produzir e publicar relatórios bimestrais a respeito de possíveis ocorrências de bullying e cita que os estabelecimentos são responsáveis por diagnosticar, identificar, lidar e combater possíveis casos de bullying.

É muito importante que seja estabelecida a importância da escola na formação de melhores pessoas e cidadãos e na percepção e abordagem e combate ao bullying, mas é necessário que se haja um apoio aos profissionais de educação e funcionários, e ações mais concretas e específicas para que a lei seja eficiente no seu propósito. Porém, não se pode negar que foi um passo importantíssimo para a luta contra o bullying no Brasil.

2.3 Design e arte como ferramenta social

Design significa realizar um projeto, desenhar com um objetivo. Ao aprender design, muitas vezes nos deparamos com uma definição de design como uma solução de problemas, uma busca de resolver problemas que possam acometer a sociedade.

Em uma sociedade individualista e consumista, o design pode distorcer este conceito de solucionar problemas já existentes, criando novos problemas que as pessoas

nem haviam antes e criando uma necessidade de consumo das soluções sugeridas a estes novos problemas. Quanto mais são criados novos problemas ou novas necessidades, por mais úteis ou fúteis que sejam, mais será consumido.

Este modelo de ciclo vicioso é essencial para que o modelo econômico e social que temos atualmente no mundo se mantenha. Porém esse modelo já apresenta falhas que são catastróficas, tanto para o meio social quanto para o meio ambiente. O consumo desenfreado, o descarte acelerado de produtos e a exploração inconsciente e em escalas exuberantes de matéria prima e recursos naturais está causando danos ao planeta que só seriam reversíveis em milhares de anos. O consumismo, o valor agregado de produtos de luxo, a desigualdade de qualidade de vida e poder aquisitivo e a exploração de mão-de-obra para abastecer esse modelo de mercado estão montando uma sociedade com valores cada vez mais baseados no indivíduo do que no coletivo, perdendo noções básicas da ética na prática do nosso dia-a-dia.

Por isso, se vê uma necessidade cada vez mais latente de repensar nossa maneira de viver e o impacto que podemos estar causando para o mundo. No caso de um designer, além do aspecto de inovação, venda e capitalismo, é importante pensar no design como uma forma de ser um impacto positivo na sociedade, uma ferramenta social. Se vê cada vez mais a necessidade de utilizar o design como meio de abrir espaço para um novo modo de pensar ou estilo de vida, abrir o diálogo para questões importantes e solucionar os empecilhos para uma vida plena em sociedade e em relação à natureza e ao planeta.

Exemplos desse modo diferente de pensar a produção são os segmentos do movimento Slow Movement, que começou na Itália com o conceito de Slow Food, se opondo ao Fast Food. O Slow Movement busca se opor ao que já está estabelecido como a forma rápida e lucrativa de se viver e produzir. No design, temos as ramificações do Slow Design e Slow Fashion. Ambos têm como base a sustentabilidade, ou seja, a preocupação com o impacto que o uso de materiais e fabricação terão no meio-ambiente. Além disso priorizam a produção em pequena ou média escala. O Slow fashion, ou moda slow incentiva uma consciência ética, não só em relação ao ambiente mas também às pessoas. Os preços tendem a ser mais altos que preços de Fast Fashion porque buscam salários justos e materiais sustentáveis, que costumam ser mais caros.

Este projeto busca ser o mais acessível possível ao seu consumidor, disponibilizando o produto final gratuitamente. Mas acima de tudo, se utiliza do design como ferramenta para espalhar um modo de pensar que pretende ser um catalisador de atitudes mais positivas e benéficas à vida em sociedade.

3. Levantamento de dados – referências visuais e teóricas

Neste capítulo, listarei as principais referências que ajudaram a construir a estrutura teórica e inspiração visual deste projeto.

3.1 Palestras TED Talks

TED Talks são uma série de conferências realizadas mundialmente desde 1990, lideradas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos. As palestras ministradas conferências são limitadas a 18 minutos de duração e são todas postadas online. e têm intenção de espalhar ideias, não importando assunto. Qualquer pessoa pode se candidatar a ser um palestrante, basta que, como diz no seu slogan, sejam “ideias que merecem ser disseminadas”. A seguir, algumas palestras que serviram de inspiração para o projeto e tocam no assunto empatia, bullying e auto-estima serão citadas.

3.1.1 Shane Koyczan - For the bullied and the beautiful

Shane Koyczan é um poeta e escritor premiado canadense. Em seu TED Talk, logo após contar sua própria experiência com o bullying, ele declama seu poema tocante chamado “For the bullied and the beautiful” - “Para os intimidados e belos” em português - acompanhado por uma animação que narra o poema juntamente com ele.

O poema é emocionante e narra a história de duas pessoas que sofreram bullying de formas distintas, e que passaram por maus bocados, mas conseguiram sobreviver. O poema se encerra sem diminuir o sofrimento de quem é vítima do bullying, mas de forma poderosa e tocante, no seguinte tom:

“Crescemos aprendendo a torcer pelo azarão porque nos identificamos com eles. Brotamos de uma raiz plantada na crença de que não somos aquilo de que nos chamavam. Não somos carros abandonados, parados e vazios em alguma estrada, e, se de algum modo somos, não se preocupe. Saímos andando em busca de combustível. Somos membros formados da classe ‘Nós Conseguimos’, não ecos abafados de vozes chorando ‘Xingamentos nunca irão me machucar.’ Claro que machucaram. Mas nossas vidas apenas continuaram a ser um ato de equilíbrio que tem menos a ver com dor e mais a ver com beleza.”

3.1.2 Meaghan Ramsey - Why thinking that you're ugly is bad for you

Meaghan Ramsey se denomina “advogada de auto-estima”, e faz consultoria a empresas e marcas para moldar suas operações e projetos com mensagens positivas e de uma maneira que desenvolva mudança social positiva juntamente com o crescimento dos negócios. Um exemplo do trabalho de Meaghan é o projeto Dove Self-Esteem, da marca Dove, que busca promover a auto-estima dos consumidores da marca. Em sua TED Talk, intitulada “Porque pensar que você é feio é ruim para você”, Meaghan fala das consequências de se ter uma baixa auto-estima.

Meaghan usa a si mesma e a sua sobrinha pequena como exemplo de que, quando nascemos, na nossa inocência, muitos de nós sorrimos ao nos olharmos no espelho. O conceito de beleza é algo muito inocente nessa época e Meaghan aborda

como a nossa cultura de mídia e a própria sociedade molda o ser humano a ser inseguro quanto a si mesmo e sua aparência.

Cerca de 10 mil pessoas por mês perguntam “Eu sou feio?” no site de buscas Google. Meaghan acredita que muitas dessas pessoas sejam jovens. É abordado o grande número de garotas crianças e adolescentes que postam vídeos na internet com este mesmo questionamento, “eu sou feia?”, e como, com a exposição que a internet dá, se tornam alvo de cyberbullying e acabam alimentando ainda mais sua insegurança. Essa cultura de obsessão por imagem força as crianças a focarem apenas nas suas aparências e não em outros aspectos que formam sua identidade.

De acordo com pesquisas, as consequências de uma auto-imagem negativa podem vir em faltas em aulas e notas baixas, quase um terço das meninas não participam de debates para não chamar atenção para sua aparência; seis a cada dez meninas deixam de fazer algo porque não se sentem bonitas o suficiente, se uma menina não se acha magra bonita o suficiente, conseqüentemente as médias das suas notas são inferiores. Adolescentes com baixa confiança corporal se exercitam menos, comem mal e tem mais hábitos mais prejudiciais a saúde. Podem ter transtornos alimentares, predisposição a depressão, consumo de drogas e álcool e automutilação. Sem contar as mulheres, que em dezessete por cento dos casos, não iria a uma entrevista de emprego se estivesse se sentindo feia. E isso tudo não é sobre como uma pessoa realmente aparenta, mas sobre como ela acha que sua aparência é.

Mas Meaghan não apenas discursa sobre o problema, ela dá soluções. A solução de Meaghan é dividida em três importantes passos.

O primeiro passo é que temos que educar para a confiança corporal. É necessário que ajudemos os jovens a criarem estratégias para superar as pressões com a aparência e construir uma boa auto-estima. Há programas que fazem isso, mas Meaghan afirma que nem todos são eficientes. Para ser eficiente, um programa tem que abordar seis áreas-chave: a primeira é a influência da família, amigos e relacionamentos; a segunda é a mídia e a cultura das celebridades; a terceira, lidar com provocação e intimidação; a quarta é a forma de competir e nos compararmos aos outros; a quinta é falar sobre aparência, sobre o corpo; e finalmente a sexta são as bases para se respeitar e cuidar de si mesmo.

O segundo passo é ser melhores modelos para as novas gerações. Não julgar a eficiência e a contribuição de mulheres no ambiente de trabalho pelo seu cabelo, ou tamanho dos seios. Não julgar que pessoas não são bem sucedidas por não serem bonitas. É importante julgar as pessoas pelo que fazem, não pela aparência, elogiar as pessoas mais pelas suas ações e tomar responsabilidade pelo conteúdo que postamos online.

O terceiro e último passo é trabalharmos juntos como comunidade, como governo e como empresas para realmente mudar essa cultura. Valorizar a diversidade e a inclusão na intenção de criar um mundo em que crianças não deixem de fazer o que querem ou ser o que quiserem pela sua aparência

3.1.3 Nancy Lublin - Texting that saves lives

Nancy Lublin é fundadora do Crisis Text Line, uma iniciativa que usa dados e tecnologia para salvar vidas. Lublin encontrou um meio de se comunicar com adolescentes que é mais eficiente do que qualquer outra forma hoje em dia, que é a mensagem de texto.

A mensagem de texto no celular tem uma taxa de abertura de quase 100%. Se você enviar uma mensagem de texto a um jovem, é praticamente certeza que ela será lida. E isso não serve apenas para jovens de classe alta com iPhones, mas também minorias e classes mais baixas.

Lublin notou essa eficiência ao trabalhar com a organização DoSomething.org, que é a maior organização para adolescentes e mudanças sociais na América. A organização começou a enviar mensagens de texto a 200.000 crianças e adolescentes por semana informando sobre campanhas que estariam sendo executadas. Mas acabaram recebendo como resposta mensagens de pedidos de ajuda, como “Não quero ir pra escola hoje. Os meninos me chamam de bicha”, “Eu estava me mutilando, meus pais descobriram, então eu parei. Mas acabeid e recomeçar a uma hora” ou “Ele não vai parar de me estuprar. Ele me disse para não dizer a ninguém. É o meu pai. Vocês estão aí?”. Esta última mensagem foi o que motivou a criação de um canal para receberem essas mensagens de crise e poderem ajudar esses jovens. As crianças se sentem mais confortáveis em se comunicarem dessa maneira e a equipe do Crisis Text Line ajuda com aconselhamento e encaminhamentos.

Nancy Lublin fecha sua palestra animada com o que o acesso a informação pode colaborar para mudanças sociais e para que haja amparo para pessoas com necessidade.

3.1.4 Monica Lewinsky - The price of shame

Monica Lewinsky é atualmente uma ativista social, e defende um ambiente mais seguro e com mais compaixão nas redes sociais e internet no geral. Lewinsky foi um dos primeiros alvos da “cultura de humilhação” da internet, ao ter tido sua vida privada investigada após ter seu caso romântico com o ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, de quem era secretária, descoberto. Após uma década longe de holofotes, Monica decidiu ser uma voz para que uma mudança de comportamento seja alcançada na internet.

Quando o escândalo do romance foi descoberto, o mundo estava começando sua revolução de acesso a informação com a internet, e as pessoas começaram a ter acesso ao que quisessem a qualquer momento. Era praticamente o nascimento do cyberbullying, e Lewinsky foi taxada de vadia, prostituta, interesseira, vagabunda. Foi uma situação muito traumática, e tanto ela quanto sua família sofreram muito com isso. Na época, em 1998, isso não era algo comum de acontecer. Hoje em dia com as redes sociais e a exposição que a internet dá a todos, há milhares de exemplos de humilhação semelhantes ao dela.

Ela conta a história de Tyler Clementi, um adolescente que cometeu suicídio aos 18 anos após um caso de cyberbullying, algo que infelizmente é cada vez mais comum. Ao saber da notícia, foi um momento decisivo para que Lewinsky tomasse uma atitude em relação ao problema do cyberbullying.

Lewinsky diz que precisamos retornar a um valor antigo de compaixão e empatia, nesse ambiente cada vez mais dessensibilizado da internet. A pesquisadora Brené Brown diz que “A humilhação não pode sobreviver à empatia.” Isso se mostrou verdade na vida de Lewinsky pois foi a compaixão e empatia da família, amigos, profissionais e até estranhos que salvou ela dos tempos traumáticos que viveu. A empatia de uma pessoa pode fazer a diferença, e podemos ajudar na construção desse ambiente melhor sendo “agentes”. Ser um agente é não ficar calado quando ver injustiças onli-

ne e denunciá-las; não ser apático e postar comentários positivos, que ajudam a abater a negatividade; e assumir a responsabilidade pela liberdade de expressão. Monica sugere a compaixão como chave para que se haja um mundo melhor.

3.1.5 Chimamanda Ngozi Adichie - O perigo da história única

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora e romancista premiada da Nigéria. Ela tem uma das palestras TED mais famosas e vistas, chamada “Porque devíamos todos ser feministas”, que instigou um longo debate acerca do tema mundialmente. Porém o TED Talk o qual tomei como inspiração para o projeto é intitulado “O perigo da história única”, e trata mais da história da autora, sua relação com o mundo e sua profissão.

Chimamanda sempre gostou muito de ler, aprendendo muito precocemente, e se lembra de quando pequena, ler histórias sobre realidades que não tinham nada a ver com a sua própria. Ela começou a escrever aos 7 anos de idade, e em suas histórias, as personagens também eram loiras de olhos azuis e pertenciam também a outras realidades.

A partir dessas memórias, Chimamanda fala do perigo da história única, ou seja, como é danoso que tenhamos como exemplos e modelos em nossa cultura apenas um certo tipo de modo de vida, ou aparência, ou contexto geral. Para Chimamanda, na infância, as histórias que vinham da cultura predominante nos meios de cultura que consumiam eram as únicas que podiam ser documentadas, e só ao ficar mais velha e descobrir livros africanos, começou a questionar esse modelo. Ela identifica que a visibilidade e identificação na infância com os personagens ou histórias que são consumidas é importante para uma construção de caráter e personalidade mais plenas e conscientes. Ao ter acesso a diferentes formas de ver o mundo e de vivência, assim como sua própria, a criança se sente pertencente a algo maior e se dá mais valor e consegue perceber dimensão das histórias de outras pessoas e não se basear apenas em preconceitos ou visões simplificadas que diminuem pessoas a apenas um aspecto do que elas realmente são.

Essa visão diminutiva e estereotipada das pessoas com certas características ou contextos, é prejudicial não só no âmbito pessoal, mas pode se tornar um problema social e político, como é por exemplo o caso de países que formam e espalham estereótipos de certas nacionalidades para que se haja uma rejeição de imigrantes que venham desses países (como exemplo, a relação entre alguns norte americanos com imigrantes mexicanos). Chimamanda fala do uso do poder para contar e estabelecer como verdade a “história única” sobre determinados tipos de pessoas para que os detentores de poder se beneficiem.

Chimamanda defende que ao termos acessos a histórias diferentes, nós podemos entender melhor o outro, e assim aceitá-lo melhor. Histórias têm sido utilizadas de forma egoísta para expropriar e tornar maligno, mas também podem ser utilizadas para humanizar e capacitar.

3.2 Entrevistas informais

No começo da definição do projeto, o único aspecto que havia estabelecido como certeza era que o tema seria bullying. Porém o bullying pode acontecer nos mais diversos ambientes, nas mais diferentes idades e por incontáveis motivos. Para começar a estabelecer um foco mais preciso, foi realizado uma pequena pesquisa baseada

em entrevistas e conversas informais sobre situações de bullying.

Postei no meu perfil do facebook um convite à pessoas que gostariam de compartilhar suas vivências e experiências com o bullying ou experiências de alguém que conheciam. Muitas pessoas vieram conversar comigo com interesse de participar da pesquisa, mas no final dez pessoas conversaram com mais profundidade.

Todas as pessoas que responderam foram mulheres, e a conversa foi livre. O único ponto que estabeleci como padrão nas conversas foi perguntar quais foram as consequências, se a pessoa já superou o bullying e se não, o que sente até hoje.

Apenas 2 das 10 pessoas entrevistadas não citaram assédios acontecidos na escola como os mais marcantes, sendo um caso na família e o outro no ambiente de trabalho. Houve relatos de pessoas que tiveram a auto-estima abalada até os dias de hoje, sendo uma batalha que travam diariamente; alguns já tomaram anti-depressivos; casos de bullying que foram reforçados até por professores; pessoas que já tentaram ou pensaram em cometer suicídio.

As conversas não tinham o intuito de definir todos os requisitos para que o trabalho prosequisse, mas foi bem sucedido no seu objetivo, que era de achar um foco para que a pesquisa prosequisse. Após as entrevistas, foi decidido que o projeto, como foco, trataria do bullying na infância, e mais especificamente, na escola, que é quando a identidade é construída e por isso, geralmente, é quando se é mais vulnerável às consequências que o bullying pode causar.

3.3 Project Rockit

As irmãs Lucy Thomas e Rosie Thomas, após terminarem o Ensino Médio na Austrália, fundaram a organização chamada Project Rockit, que promove workshops em escolas, principalmente para o público adolescente, para falar sobre empatia, bullying e o impacto que eles têm na sociedade.

A visão do projeto é de que o respeito vença o bullying e o preconceito, e que todos jovens percebam esse potencial. Com uma equipe capacitada, que entende da linguagem jovem e sabe se comunicar com seu público alvo, o Project Rockit mostra que todos temos potencial para sermos impactos positivos ou negativos na sociedade, e mostram as vantagens de investir nas ações positivas.

Os workshops abrem espaço para que os jovens tenham acesso ao respeito, aceitação, expressão criativa e liderança social. Ensinam aos jovens os benefícios de serem pivôs de mudanças positivas, não ficando parados diante do que não concordam e os empoderam a irem contra o ódio e a negatividade. Além disso, tratam de temas como diversidade, relacionamentos, aceitação, valores e ética.

O projeto prova ter muita eficácia, creditado principalmente a dinamicidade e linguagem que se aproximam das do seu público alvo, tendo uma taxa de recomendação de seus participantes de 96%.

3.4 Tyler Clementi Foundation

Tyler Clementi era apaixonado por música e uma pessoa bondosa e querida pelos seus próximos. Porém aos 18 anos foi humilhado e assediado em um grave caso de cyberbullying. Tyler era um jovem homossexual e estava no processo de se abrir com as pessoas e o mundo a respeito disso. Ao pedir privacidade ao seu colega de quarto

em uma noite que teria um encontro romântico, seu companheiro de quarto secretamente filmou e mais tarde divulgou seus momentos de intimidade em redes sociais. Após isso, ele foi amplamente ridicularizado na internet e descobriu que seu colega de quarto planejava um segundo ato de invasão de privacidade. Alguns dias depois, Tyler tirou sua própria vida.

Tyler acabou sendo o símbolo da Tyler Clementi Foundation, uma fundação liderada pela mãe de Tyler, Jane Clementi, que luta contra a humilhação, o assédio e o bullying formando cidadãos que defendem a causa anti-bullying. É uma fundação grande que conta com diversos recursos e programas diferentes.

O site da fundação conta com espaços para que vítimas de bullying compartilhem sua própria história e possam se expressar. Há também serviços de capacitação para quem quer contribuir para a causa anti-bullying e ministrar palestras e influenciar os ambientes dos quais faz parte.

Um dos principais programas da fundação é a campanha Day 1, que é um programa preventivo que tem como intuito acabar com o bullying desde o primeiro dia, ou dia 1, seja no seu trabalho, escola, faculdade ou em qualquer ambiente. No site, disponibilizam gratuitamente o material para que se possa exercitar o Day 1 nos diversos ambientes em que podem frequentar. Apesar de trazer uma mensagem forte, no material disponibilizado falta uma informação mais concreta e aprofundada sobre os efeitos do bullying e como agir nessas situações.

Também faz parte da fundação diversas pesquisas no assunto. Um dos setores importantes é o Tyler Clementi Institute for Cybersafety na escola de Direito New York Law School, que trabalha para reduzir a frequência e impactos prejudiciais do cyberbullying na juventude em risco. O Instituto educa estudantes, advogados, juízes e o público sobre o problema do cyberbullying através de pesquisa, análise e serviços diretos para ajudar famílias, legisladores e escolas.

O Instituto ainda é dono de uma linha de ajuda que vítimas de assédio podem aprender sobre seus direitos e buscar justiça; conduz pesquisa para apoiar a contestação, defesa legal e treinamento legal a respeito do bullying; e promove conferências, workshops e simpósios focados em educação e pesquisa.

A Tyler Clementi é uma das maiores organizações que tratam do bullying no mundo, e apesar de ter o foco nos Estados Unidos, é notável pelos seus inúmeros recursos e campanhas a vontade de promover a diferença em grande escala.

3.5 Programa Escolas Transformadoras

O Programa Escolas Transformadoras é uma iniciativa da Ashoka, organização social global que reúne empreendedores sociais de diversas partes do mundo. O programa acredita que a escola é um espaço privilegiado para capacitar cidadãos com senso de ética e responsabilidade e que todos podem ser agentes transformadores da sociedade. Os valores passados para crianças e jovens para que estejam aptos a terem papel ativo em relação às mudanças e melhorias necessárias são a empatia, o trabalho em equipe, a criatividade e o protagonismo.

O programa teve início nos Estados Unidos, em 2009, e hoje em dia já se espalhou por 34 países. Após um processo de reconhecimento criterioso, escolas selecionadas são "credenciadas" pelo programa e convidadas a participar de discussões e ações de uma comunidade que conta com os mais diversos profissionais - jornalistas, professores universitários, representantes do poder público, especialistas e artistas. Hoje con-

ta com uma rede formada por mais de 270 escolas, sendo 15 brasileiras. No Brasil, o programa chegou em setembro de 2015 em uma correalização com o Instituto Alana, que é organização sem fins lucrativos que investe em projetos que buscam a garantia de condições para uma infância plena. É um movimento que busca que a educação acompanhe as necessidades que são exigidas para uma sociedade mais plena e que o modelo que é usado mais amplamente não consegue mais suportar.

No Brasil, o programa vem promovendo longas rodas de conversa e discussão sobre temas diversos, atrelados à educação. A primeira delas foi realizada em Maio de 2016 teve como tema “A Empatia na Educação” e teve uma publicação divulgada com nove artigos escritos pelos participantes da discussão.

3.5.1 A importância da empatia na educação

O primeiro artigo da publicação, intitulado “Empatia: algumas reflexões”, de autoria da psicoterapeuta Ana Olmos, destaca a importância do vínculo interpessoal para a construção

da subjetividade humana e para a forma como nos relacionamos uns com os outros. Olmos destaca a importância da família na formação de jovens e crianças empáticos. Ela dá exemplo de citações de dois de seus pacientes, de realidades sociais parecidas mas com uma clara diferença no senso empático. Um deles diz “Hoje um menino chegou perto do meu carro. Era sujo, porco. Minha mãe disse que ele era perigoso...” Já o outro vem com outro discurso, dizendo “Hoje eu vi um menino pobre pedindo dinheiro no farol. O maior frio e ele sem casaco. Minha mãe conversou com ele. Ela disse pra mim que a gente não escolhe onde nasce, que os pais dele não puderam pagar escola pra ele. Ele lá fora, eu dentro do carro, um frio...”

A diferença do exemplo da mãe é o que fez a diferença para que essas duas crianças vissem uma situação muito semelhante com percepções completamente opostas, e isso que fará com que provavelmente a segunda criança seja uma maior contribuidora para que a sociedade seja justa e harmônica.

O segundo texto, escrito por Maria Amélia M. Cupertino, coordenadora do Colégio Viver, que fica em Cotia (SP), é intitulado “Empatia na discórdia” e relata experiências de Maria Amélia em mais de vinte anos de vivência na escola. No artigo, ela fala da importância que é ter muita diversidade entre os alunos e que essas diversidades sejam aceitas com a maior naturalidade possível. Ela acredita que a solução de um conflito ou de assédio não deve ser centrada na punição de quem o provocou, mas sim recorrer ao diálogo e à escuta e nos convida a exercitar a empatia em relação a esses agressores. Provavelmente é o caminho mais trabalhoso, mas com certeza é o mais eficiente para que o problema não mais aconteça.

No terceiro artigo, “Educação e empatia: caminhos para a transformação social”, escrito por Natacha Costa, diretora executiva da associação Cidade Escola Aprendiz, é defendido que locais públicos são os espaços mais importantes para que crianças e jovens construam a empatia e realmente exercitem sua alteridade.

Sonia Dias Ribeiro, coordenadora pedagógica da Escola Comunitária Luiza Mahin, de Salvador (BA), aborda a importância da corporeidade para o desenvolvimento da empatia. Em “O baobá da educação: empatia e ubuntu”, a educadora defende que os conteúdos devem ser vivenciados e experimentados e que, na convivência diária com as diferenças, as crianças encontram condições para desenvolver uma postura empática. Com origem comunitária, a escola tem em sua essência as noções de diver-

sidade e coletividade, que vêm anteriormente de um intenso contato com os membros e sabedoria da comunidade.

Leandro Beguoci, diretor editorial e de produtos da Associação Nova Escola, provoca reflexão no artigo “Qual é o nome da escola pública mais perto da sua casa?”. Com essa pergunta, ele convida o leitor a enxergar algo que muitas vezes passa despercebido e fala da importância de toda a sociedade se responsabilizar nesse desejo de mudança do modelo de educação. Precisamos sair de nossa zona de conforto e nos mobilizar.

Luciana Favorini, diretora do Colégio Equipe, de São Paulo (SP), acredita que a empatia implica necessidade de ação. Em seu artigo “Empatia e solidariedade”, ela defende que não basta nos colocarmos no lugar do outro, mas que devemos agir diante do que nos desperta empatia.

A artista plástica Stela Barbieri em seu artigo “Empatia ainda em tempo” fala da falta de tempo que é algo cada vez mais recorrente na vida das pessoas. O tempo é escasso e precisamos de tempo se quisermos criar laços que despertem a empatia. O artigo é mais uma reflexão de um aspecto que é importante ser considerado ao se almejar a mudança do pensamento coletivo; retirar a pressão de nossas vidas e focar no que sentimos e o que nos move.

No artigo “Eu outro”, o psiquiatra Auro Lescher nos lembra de que todos nós – seres vivos – viemos de uma origem comum e que, apesar de nossas diferenças e relações complexas, precisamos nos relacionar e nos manter em harmonia. Para os grupos humanos, a empatia é uma chave propulsora das relações de troca que são necessárias para essa harmonia, que também seriam relações de cumplicidade e afeto. O psiquiatra afirma também que ser empático não significa desvincular-se de sua identidade, mas fortalecer a unidade entre os seres vivos.

No texto “Relações se estabelecem por empatia”, Fernando Leão, diretor da Escola Vila Verde, de Alto Paraíso de Goiás (GO), defende que devemos ampliar o conceito de empatia para além da ideia de tolerância ou convivência. Para ele, as relações empáticas acontecem em quatro níveis: consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com o planeta.

3.6 Bully Project

O The Bully Project é outro projeto anti-bullying com enorme variedade de recursos. O projeto começou com a produção de um filme longa metragem intitulado “Bullying”, que documenta a vida e a história de crianças que foram vítimas do bullying, seus pais e todos os problemas e a luta de quem passa pela situação do bullying. É um filme tocante que foi feito com a intenção de educar as crianças em relação ao bullying e todo estrago que isso pode causar.

Mas ao longo do tempo, foram percebendo que estavam perdendo a oportunidade de impactar também os adultos da comunidade escolar. Então o projeto começou a procurar estratégias de prevenção eficazes, com orientação de parceiros e especialistas. O resultado foi um programa que se compromete em criar uma nova abordagem social que, traduzindo, teria o nome de Aprendizagem Social e Emocional. Esse programa busca construir relacionamentos de confiança nas escolas, ensinar a empatia e tem a preocupação de que cada aluno tenha um adulto que possa confiar dentro da escola, não importa o quão grande seja. Como outros projetos do gênero, busca incitar a liderança nos alunos e a criação de um senso de responsabilidade e

desejo de mudança. Caso queira participar, a escola, se for nos Estados Unidos, pode contactar os membros do projeto e marcar um evento na escola, ou se for fora é possível adquirir o DVD do filme, junto com um kit de ferramentas que serve como guia para que a atividade e exibição do filme sejam uma experiência completa

A princípio, eles almejavam alcançar 1 milhão de crianças com o filme e o programa, mas hoje já contam com 3,6 milhões de crianças que já passaram pelo programa e estabeleceram uma nova meta de 10 milhões.

O Bully Project é uma das organizações com mais conteúdo disponível. O projeto conta com material gráfico para a disseminação do movimento que pode ser baixado de graça, assim como diversos materiais de informação e apoio aos pais e às crianças, com dicas de especialistas e respostas a diversos questionamentos e dificuldades comuns.

Outro parte da organização, é o projeto The Bully Project Mural, que é uma parceria com a equipe criativa da Adobe para criar mudança para o bem, lançando um mural digital interativo e gerado por usuários que incorporará a obra de arte e histórias pessoais de indivíduos de todo o mundo que sofreram bullying, que pretende mostrar a todos que já passaram por essa situação que não estão sozinhos.

Além de ser fonte de muito conteúdo importante para o projeto deste relatório, o website do Bully Project também serviu como inspiração visual por ter uma hierarquia clara e acessibilidade muito fácil. Por mais que seja um site com muitas páginas e muito conteúdo, foram bem sucedidos em organizar tudo de forma intuitiva e ao mesmo tempo deixar o site atraente para o seu público alvo - tanto alunos quanto professores.

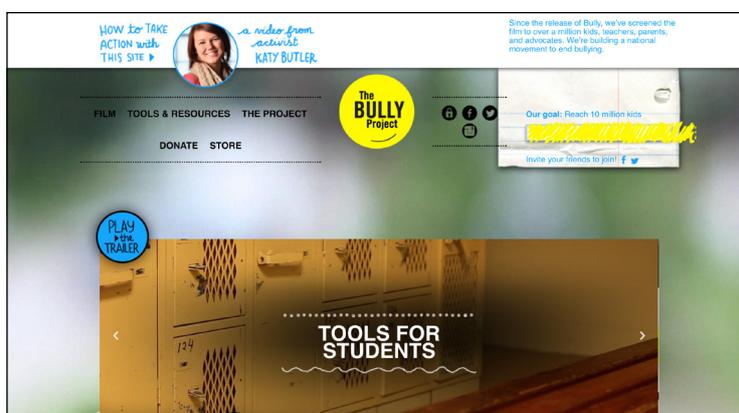


Imagem 1: The Bully Project website (fonte: thebullyproject.com)

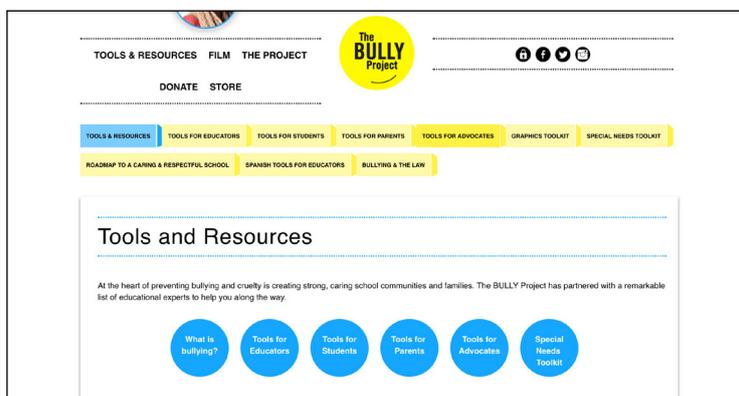


Imagem 2: The Bully Project website (fonte: thebullyproject.com)

3.7 Pretty Shady

Pretty Shady é uma campanha multimídia australiana, que foi lançada em 2013 com o objetivo de conscientizar jovens australianos sobre o câncer de pele, já que é o país com o maior índice dessa doença potencialmente letal entre jovens. A campanha é renovada e relançada a cada verão desde que foi inaugurada e tem o slogan “Vamos acabar com o câncer de pele um verão de cada vez”. A campanha conta com apoio do governo australiano, assim como de artistas e personalidades influenciadoras que ajudam a divulgar a campanha e adequar a linguagem a de seu público.

O tema do Pretty Shady foge do tema bullying e empatia, mas é na parte visual que a campanha inspirou este projeto. A identidade visual das campanhas, que sempre são renovadas, nunca perdem a sua essência e sempre apelam positivamente a quem almejam alcançar. O site da campanha é simples, direto, intuitivo, o que torna a campanha ainda mais eficiente ao passar sua mensagem de forma clara.



Imagem 3: Campanha Pretty Shady 2015 (fonte: internet)

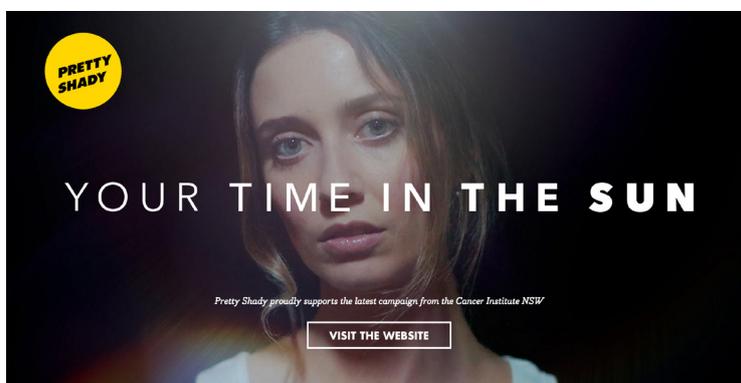


Imagem 4: Website da campanha Pretty Shady 2017 (fonte: prettyshady.com)

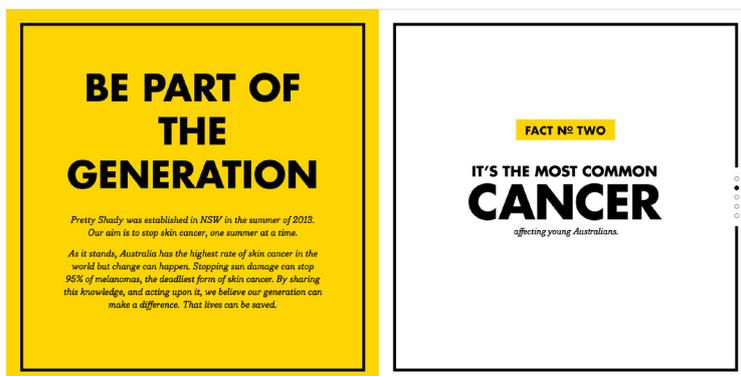


Imagem 5: Website da campanha Pretty Shady 2017 (fonte: prettyshady.com)

3.8 Bullying - Cartilha Justiça nas Escolas

A publicação "Bullying - Cartilha Justiça nas Escolas" escrita pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva em parceria com o Conselho Nacional de Justiça, busca explicar e incitar o debate sobre o bullying para alcançar alternativas de solução do problema de bullying. Mas além de conceituar o que é o bullying e como são as características dos envolvidos, assim como já citado na seção 2.1 do relatório, responde brevemente a questões de como identificar o bullying e como lidar com ele.

A identificação precoce do bullying é um passo importante para que possam ajudar as vítimas a superar o sofrimento e trabalhar o comportamento de agressores - a autora acredita que punição ao praticante do bullying é ineficiente para superar o problema. A observação e a conversa franca entre pais e filhos é fundamental. Os pais não devem hesitar em procurar profissionais da saúde mental para ajudar seus filhos a vencerem essa batalha.

Para identificar se a criança é vítima bullying na escola, os profissionais devem ficar atento aos seguintes sinais: isolamento do grupo no recreio, ou sempre perto de alunos para protegê-las; postura retraída em sala de aula; faltas frequentes às aulas; estão comumente tristes, deprimidas ou aflitas; são sempre as últimas a serem escolhidas em atividades ou são excluídas; desinteresse em atividades e tarefas escolares; em casos mais dramáticos, apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas danificadas ou rasgadas.

Já em casa, os sinais de uma vítima de bullying podem ser: queixas de dores de cabeça frequente, ou dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia, possivelmente mais intensos no período que antecede aulas ou alguma outra atividade; mudanças repentinas de humor, com explosões repentinas de irritação ou raiva; falta de amigos ou poucos amigos; escassez de telefonemas, mensagens, convites para festas, passeios ou viagens com o grupo escolar; gasto de dinheiro para comprar presentes para os outros; apresentar desculpas, incluindo doenças físicas, para faltar às aulas.

Para identificar o comportamento de um agressor, praticante de bullying, algumas características também são comuns: fazem brincadeiras de mau gosto, colocam apelidos pejorativos, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos; furtam ou roubam dinheiro, lanches e pertences de outros estudantes; costumam ser enturmados e populares na escola; divertem-se à custa do sofrimento alheio; no ambiente doméstico, mantêm atitudes desafiadoras e agressivas em relação aos familiares; são arrogantes no agir, falar e vestir; manipulam pessoas para se safar de confusões; voltam da escola com objetos ou dinheiro que não possuíam; mentem de forma convincente e negam reclamações da escola.

A escola é corresponsável em casos de bullying que aconteçam em seu ambiente. A direção da escola, ao identificar o bullying, deve acionar os pais, os Conselhos Tutelares, órgãos de proteção a criança e adolescente, entre outros, pois caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em caso de ocorrência de ato ilícitos também é dever da escola fazer ocorrência policial. Tais procedimentos evitam a impunidade e evitam o crescimento da violência e criminalidade. Por seguirem esses protocolos mais à risca e por contar com uma orientação mais padronizada perante os casos, estudos apontam que escolas públicas no Brasil possuem uma postura mais efetiva contra o bullying do que as particulares.

É dito que a escola é corresponsável pois o exemplo da família dentro de casa é fundamental. O ensinamento da ética, altruísmo e solidariedade dentro de casa é a

base para que esse comportamento se mantenha nas situações de fora.

Ana Beatriz acredita no ensinamento da empatia e da solidariedade atrelados a auto-realização, que é a forma ideal de se evitar que a pessoa se torne uma agressora. Já para que as vítimas ou vítimas em potencial criem uma resiliência a situações de bullying, é importante que se perceba e incentive os talentos dessa criança e que suas qualidades e virtudes sejam exaltadas. Esse estímulo de habilidades faz com que a criança construa uma maior autoconfiança e se valorize mais, resgatando sua auto-estima e construindo uma identidade social de forma mais plena.

3.9 Conclusão do levantamento de dados

As palestras que assisti online serviram como primeiro momento de inspiração e como ponto de partida para achar outras iniciativas que tinham como objetivo a promoção da empatia e a luta contra o bullying e o cyberbullying.

As diretrizes para melhoria da auto-estima indicados por Meaghan Ramsey e a questão da história única abordada por Chimamanda Adichie foram alguns dos pontos base utilizados para a construção da ideia deste projeto.

As entrevistas informais foram importantes para que o projeto tomasse um foco, e não tentasse “abraçar o mundo com as pernas”, ou seja, tentar resolver tudo de uma vez e acabar não conseguindo os resultados esperados. O bullying na infância e nas escolas foi escolhido como foco do trabalho.

Publicações sobre o tema serviram de base para entender o que é o bullying, como ele acontece e como lidar com ele, dirigindo-se tanto aos adultos quanto às crianças. O primeiro passo para acabar com o bullying é entendê-lo, desmitificá-lo e aprender as estratégias de como enfrentar o problema.

Os programas, organizações e instituições pesquisados, serviram ao projeto como modelos de como poderia tornar as ações e produtos finais eficientes. Com tantos tipos de abordagem, entre pesquisas, linhas de apoio, espaços para depoimentos, workshops, entre outros, este foi o próximo embate a ser resolvido: qual será a abordagem do projeto? Para alcançar as crianças de modo mais direto, a primeira resposta a pergunta foi a criação de uma atividade ou dinâmica que pudesse ser ministrada em sala de aula. Para acompanhar a atividade proposta, seria necessário um guia para quem irá conduzir a atividade. Para atingir também aos adultos e responsáveis pelas crianças, foi pensado num material extra que ajudasse-os também a identificar, se comunicar e lidar com o bullying dentro de casa.

Finalmente, na parte visual, as principais referências foram o site do The Bully Project, assim como o site da campanha Pretty Shady e sua identidade visual.

4. Diretrizes do projeto

O projeto busca pegar as informações que foram adquiridas com as pesquisas teóricas e aplicá-las em materiais gráficos que consigam disseminar essas informações às pessoas de forma muito fácil e acessível. Para garantir essa acessibilidade e que alcance o maior número de pessoas interessados, todo material gráfico para ser impresso foi feito em tamanho A4, que é o tamanho de folha mais comum. Além disso, ao desenvolvê-los, houve uma preocupação para que, caso seja necessária a impressão em preto e branco, o material não perdesse sua legibilidade e usabilidade.

O projeto se dá em dois âmbitos: o da prevenção e o da solução. No âmbito da prevenção, toda a atividade proposta é baseada no princípio do ensino da empatia, para que se crie um senso de responsabilidade e alteridade nas crianças que acaba sendo um escudo contra o desenvolvimento de uma atitude negativa ou intolerante nas mesmas. No âmbito da solução, a atividade usa também como base a promoção da auto-valorização e da celebração de qualidades e habilidades dos indivíduos como meio para construção de uma melhor auto-estima e resiliência. Ainda no âmbito da solução, o material de apoio para pais e responsáveis dará dicas de como identificar o bullying e ajudar as crianças a superarem as dificuldades.

5. Produtos finais

Os produtos finais foram estabelecidos como:

- Livretos (zines) e um guia para professores, que compõem a parte da atividade em sala de aula;
 - Cartilha de apoio aos pais - como lidar com o bullying em casa;
 - Página online para download do conteúdo.
- Foi criado um lettering para ser utilizado como marca do projeto.

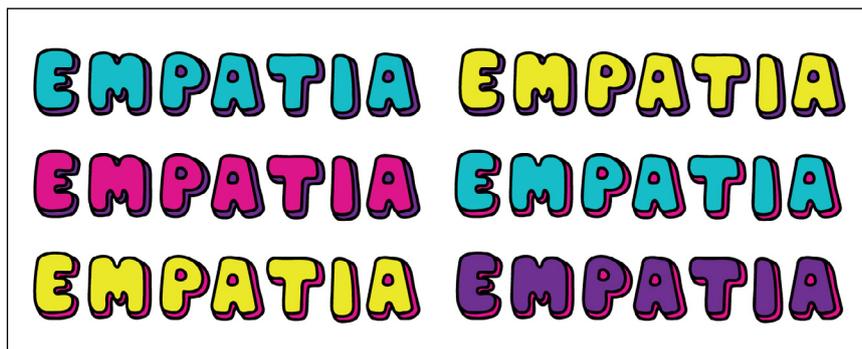


Imagem 6: Lettering feito para marca do projeto

Foram escolhidas cores claras e saturadas, com o intuito de serem um chamativo de atenção para o projeto, e se aproximar da linguagem das crianças a quem o projeto primeiramente se direciona.

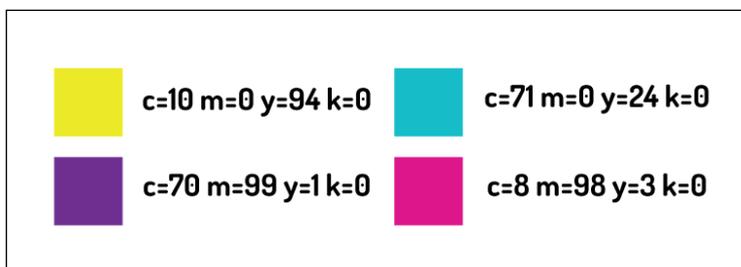


Imagem 7: Paleta de cores principal

Para todo material gráfico, foi utilizada a fonte Dosis, com exceção de onde foi utilizado lettering.

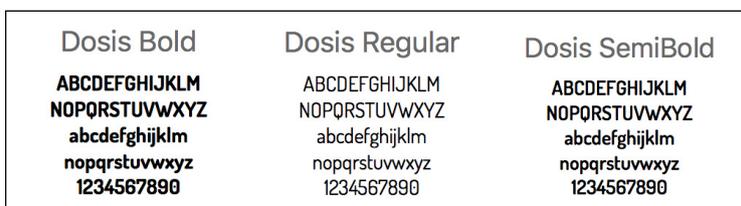


Imagem 8: Família tipográfica Dosis

5.1 Livretos para crianças

O primeiro produto desenvolvido foram os livretos para crianças, que são os instrumentos para a atividade educativa seja realizada.

5.1.1 Conteúdo

A atividade em sala de aula deve ser ministrada e acompanhada por um professor ou adulto responsável. Será feita em duplas (no máximo trios, no caso de quantidade ímpar de participantes) e servirá como uma apresentação do conceito de empatia e uma discussão em sala de aula sobre a importância da diversidade e da tolerância.

Foram criadas livretos ou zines que serão montados pelas próprias crianças, com o acompanhamento do professor. Os livretos funcionam por dupla e cada dupla contempla um assunto. Cada aluno da dupla fica com um livro diferente.

Cada aluno vai ler a sua história, que fala sobre uma criança, sua personalidade, seus defeitos e qualidades, talentos e dificuldades. O professor deverá dar um tempo para leitura. Ao final da leitura, será dado mais algum tempo em que os dois alunos deverão responder às seguintes perguntas e discutir entre si:

- Quais qualidades e defeitos do seu personagem?
- Seu personagem tem alguma dificuldade? Qual?
- Seu personagem tem algum talento ou passatempo? Qual?
- O que seus personagens podem fazer para ajudar um ao outro?
- Seus personagens poderiam ser amigos? Porque?

Depois do tempo de discussão, chega o momento de discussão em aula. O professor irá perguntar aos alunos as mesmas perguntas que eles responderam e vai anotar no quadro e estimular os alunos a participarem com possíveis diferentes respostas.

Ao final da grande discussão, é possível que alguns alunos ainda acreditem que os dois personagens não conseguiriam ser amigos. Por isso, para que a atividade seja completa, é imprescindível que, após a discussão, o professor mostre aos alunos que é possível que os dois sejam amigos, mas que mesmo que eles não conseguissem ser amigos por algum motivo, os dois têm habilidades e qualidades que podem ajudar ou ser úteis ao outro personagem, e que por isso os dois têm o seu valor e merecem ser respeitados. E que isso não se atribui apenas aos personagens, mas também a eles mesmos e a todas pessoas que os alunos conhecem e irão conhecer em suas vidas.

5.1.2 Formato

Os livretos serão impressos em tamanho A4, formato escolhido por ser o mais acessível, e terá um esquema de dobraduras que deverá formar uma zine de 8 páginas, a ser montada pelas próprias crianças que participarão da atividade.

5.1.3 Ilustrações

Cada livreto conta com 8 quadrinhos, que apresentam o personagem e sua história. As ilustrações foram todas desenhadas a mão primeiramente, depois vetorizadas e coloridas no ilustrador. Foi estabelecido que cada personagem terá uma cor predominante em seus quadrinhos, e foram utilizadas padronagens para dar um pouco de profundidade às ilustrações. Para cada personagem, foi feito um lettering para apresentá-los no primeiro quadrinho.



Imagem 9: Quadrinhos na ordem

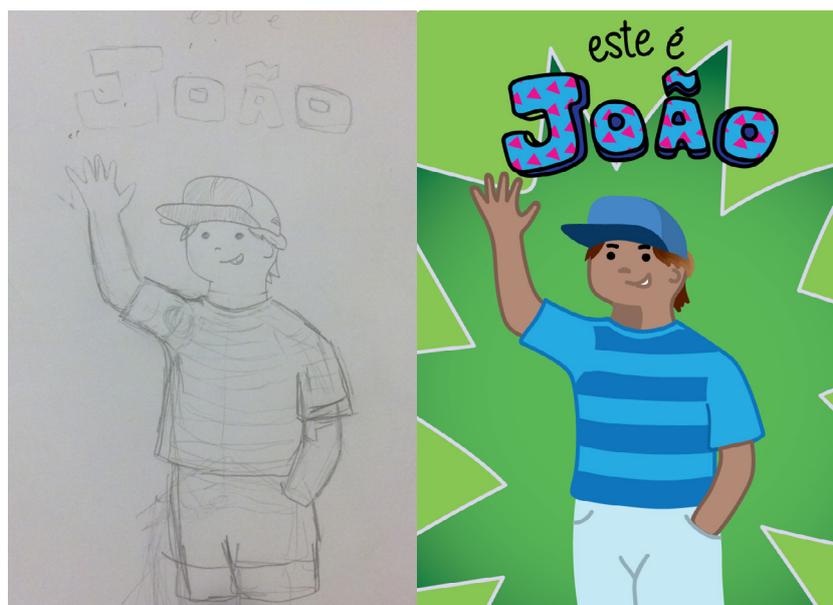


Imagem 10: Ilustração a mão x quadrinho pronto

5.2 Cartilha para pais e professores

5.2.1 Guia dos professores - atividade

O guia dos professores serve principalmente para explicar o funcionamento da atividade dos livretos passo-a-passo. Mas além disso, conta com um pouco de explicações teóricas sobre os assuntos que deverão ser abordados com os alunos.

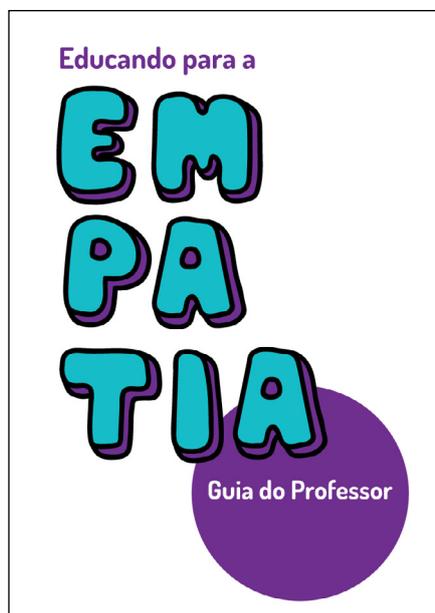


Imagem 11: Capa Guia do Professor

5.2.2 Cartilha de apoio a pais - como lidar com o bullying em casa

A Cartilha de apoio a pais traz informações de como se comunicar com os filhos e criar um ambiente de confiança, para crianças de todas as idades. Dá dicas de como identificar se seu filho é vítima ou praticante de bullying, como lidar com crianças com necessidades especiais, como agir quando descobrir que seu filho está envolvido em situações de assédio, a quem recorrer para ajuda em caso de necessidade, o que fazer quando o aconselhamento é ineficiente, entre outras informações de apoio.



Imagem 12: Capa Cartilha de apoio aos pais

5.3 Página para download do conteúdo

A página para download foi pensada para ser o mais simples possível para que não haja confusão em seu uso.

O site terá 4 seções: Apresentação breve do projeto, explicação do que é o bullying, espaço para download do material e formulário de contato.

6. Considerações finais e conclusão

Este projeto, antes de tudo, serviu muito como um engrandecedor pessoal. Ao pesquisar temas como alteridade, empatia, tolerância, entre outros, aprendi muito mais do que imaginei sobre a importância da compreensão e de ouvir todos os lados das histórias. É interessante perceber que apesar das pessoas no geral estarem se tornando cada vez mais dessensibilizadas à crueldade e humilhação, ainda há muita gente que se preocupa em reverter isso e restabelecer valores éticos e de responsabilidade.

O projeto tem intuito de ser publicado com conteúdo mais completo futuramente e pretende ser sua eficácia testada com experiências reais em sala de aula. Porém já há uma sensação de realização por ter pensado no design como ferramenta para instigar uma mudança social.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 2016.

KOYCZAN, Shane. **To This Day ... for the bullied and beautiful**. Disponível em https://www.ted.com/talks/shane_koyczan_to_this_day_for_the_bullied_and_beautiful?language=en. Acesso em 2016.

LEWINSKY, Monica. **The price of shame**. Disponível em https://www.ted.com/talks/monica_lewinsky_the_price_of_shame#t-1207563. Acesso em 2016.

LUBLIN, Nancy. **Texting that saves lives**. Disponível em https://www.ted.com/talks/nancy_lublin_texting_that_saves_lives. Acesso em 2016.

RAIMUNDI, Ana Carolina. **Casos de bullying nas escolas cresce no Brasil, diz pesquisa do IBGE**. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/08/casos-de-bullying-nas-escolas-cresce-no-brasil-diz-pesquisa-do-ibge.html>. Acesso em 2016

RAMSEY, Meaghan. **Why thinking you're ugly is bad for you**. Disponível em https://www.ted.com/talks/meaghan_ramsey_why_thinking_you_re_ugly_is_bad_for_you#t-27034. Acesso em 2016.

ROUSSEFF, Dilma. **LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015**. Brasília, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying - Cartilha Justiça nas Escolas**. Ed. Digital, São Paulo, 2011.

TORQUATTO, Jonas. **Como identificar e resolver situações de bullying: Para os pais, professores e escolas**. 1ª Edição, São Paulo, 2013.

Yirula, Carolina Prestes. **A importância da empatia na educação**. 1ª Edição, São Paulo, 2016.

Pretty Shady. Disponível em <http://www.prettyshady.com/>. Acesso em 2016.

Project Rockit. Disponível em <https://www.projectrockit.com.au/>. Acesso em 2016.

The Bully Project. Disponível em <http://www.thebullyproject.com/>. Acesso em Março de 2017.

Tyler Clementi Foundation. Disponível em <https://tylerclementi.org/>. Acesso em 2016.